

Os trabalhos de prospecção na Lacônia e seus resultados para a história de Esparta

José Francisco de Moura

Abstract

I intend to show in this article some implications of the findings of the British School at Athens' survey in Laconian territory for the history of Sparta during Archaic and Classical times.

Este artigo, com teor de resenha comentada, refere-se à parte dos estudos realizados em função de nossa dissertação de mestrado, com o título “*Imagens da Lacedemônia no IV século a.C.. Xenofonte e a ideologia oligárquica*”, que tem como orientador o professor Doutor André Leonardo Chevitarese.

Introdução

De 1979 a 1993, a *British Scholl at Athens* (daqui para frente BSA) organizou grande trabalho de prospecção na parte leste da Lacônia, numa área que abarcou cerca de 72 mil metros quadrados. A área da *survey* incluía desde o nordeste da atual região de *Voltiánoi*, até a região centro-oeste de *Chrysápha*. Os trabalhos da equipe inglesa compreenderam diferentes regiões topográficas, desde as partes baixas do vale do Eurotas, na margem oriental do rio Eurotas, até partes mais altas, como *Kalívia* e *Theólogos*, regiões inóspidas à norte do monte. Os resultados das prospecções estão em dois volumes, dos quais apenas o segundo foi publicado. Este, contém o mapa das regiões prospectadas, o resumo dos achados, assim como as primeiras interpretações do material arqueológico, que abarca uma periodização que vai do Neolítico até o período Otomano.

Em relação aos períodos Arcaico e Clássico da história grega, os resultados da prospecção trazem informações que são de considerável relevância para a história rural lacedemônia daqueles períodos. É sobre essas informações preliminares e suas implicações históricas que nos concentraremos nesse trabalho.

Cerâmica

Os trabalhos de prospecção ajudaram a esclarecer ainda mais as diversas etapas históricas da produção, consumo e estilo da cerâmica lacônia, desde vasos domésticos de uso cotidiano, tais como vasos de mesa, cozinha e estocagem, até os vasos decorados, produzidos para o mercado interno e principalmente externo.

A primeira conclusão geral que foi tirada pelos arqueólogos da BSA com respeito à produção e ao consumo da cerâmica decorada é que a partir do final do período Arcaico e início do Clássico há uma brusca mudança em seus padrões estéticos. Os vasos votivos de santuários, ricamente elaborados, produzidos no início do século VI¹, em geral vasos de figuras negras exportados em moderada quantidade por todo mundo grego e até fora dele, são substituídos, a partir do século V, por vasos menores, grosseiros e possuindo linhas idiossincráticas, aparentemente produzidos em massa (CATLING, 1996:35). Isso confirma a hipótese de alguns estudiosos do comércio da cerâmica grega do período Arcaico, como John Boardman, que a substancial presença da cerâmica lacônia em vários mercados do início até meados do século VI tenha começado a diminuir drasticamente no final daquele período (BOARDMAN, 1986: 135-136).

Os fragmentos de vasos domésticos encontrados pelos arqueólogos na prospecções também confirmam a existência de uma certa influência ática na cerâmica doméstica da Lacônia, influência esta sensivelmente notada até o início do V século, muito embora tenha havido uma interrupção na importação de cerâmica neste período (CATLING, *ibid*:35). Assim, outra conclusão histórica possível de ser tirada é que um suposto isolamento cultural histórico dos espartanos, mencionado por autores gregos a partir do século IV⁵, não se verificou no que diz respeito tanto à influência quanto ao comércio estrangeiro de sua cerâmica decorada e doméstica até o início do período Clássico.

O problema de relacionar a produção e o consumo da cerâmica decorada da Lacônia com possíveis mudanças sócio-políticas porém, continua, na medida em que sabemos que os espartanos não estavam direta-

mente ligados às atividades de produção e comércio desses vasos, tarefa deixada para os periecos. Estes, efetuavam o comércio e o artesanato, e até certo ponto tinham considerável autonomia local em suas pequenas comunidades, sendo homens livres, mas que não tinham o controle da vida política e social do Estado Lacedemônio. Assim, é aparentemente difícil saber se a interrupção da produção e do consumo da cerâmica decorada se deu por questões político-sociais internas ou por questões do próprio comércio externo, já que no período em que a cerâmica lacônia decresce, os vasos áticos de pintura negra alcançam o seu apogeu no comércio do mundo grego como um todo.

Para Catling, a prospecção revelou que havia uma considerável assimetria entre a presença de vasos de cerâmica decorada no campo e na própria Esparta, já que apenas um pequeno número de fragmentos daquela é encontrada na área rural, quando comparado com os achados na região “urbana”. Se considerarmos que os espartanos viviam em cinco distritos, quatro dos quais — *Limnai*, *Mesôa*, *Kynosoura* e *Pítane* — no interior da própria Esparta (Pausânias III 16 9), e o quinto, *Ámyclai*, a cinco quilômetros dali, pode-se aventar que o consumo de vasos decorados era feito maciçamente pelos espartanos e, contrariamente, não servia às propriedades espartanas e periecas do campo (CATLING, *ibid*:86).

A grande contribuição dos trabalhos de prospecção da equipe inglesa no que se refere ao estudo da cerâmica se verifica no fato de ter sido possível desvendar parte do perfil da cerâmica de uso doméstico na área rural, estudo este até então bastante prejudicado pelo fato da grande massa de escavações arqueológicas até então ter se concentrado quase que tão somente em santuários, no campo ou na área “urbana”. Os arqueólogos anteriormente concentravam-se basicamente no estudo da cerâmica decorada, deixando para trás as fragmentárias evidências da cerâmica de uso cotidiano³.

Vale dizer porém, que os trabalhos de prospecção também se depararam com vários sítios de culto na área rural, muitas vezes perto de fazendas ou em áreas altas que lhes eram subjacentes, o que mostra não só o alto caráter devocional dos lacedemônios, quanto uma estreita ligação entre áreas de plantio, estocagem, moradia rural e culto.

Dos vasos de uso doméstico, as crateras em forma de sino estão entre as mais comuns. Pelo seu diminuto tamanho, estariam estreitamente associadas com pequenas propriedades rurais, sendo que não foram encontradas em contextos de culto, tais como *Menelaion* e *Árthemis Órthia*. Todas as crateras em forma de sino foram encontradas no vale do Eurotas, sendo associadas com contextos de moradias.

Os *Pithói* também aparecem nestes contextos rurais do vale do Eurotas. Estes grandes vasos, associados com estocagem de grãos, não eram, ao que parece, uma constante em todo território rural lacedemônio, já que, na região prospectada, sua incidência é grande, mas irregular (CATLING, *ibid*: 87). Isso pode sugerir variadas formas de estocagem, ou ainda o transporte dos grãos para a área “urbana”, na medida em que Xenofonte mencionou a presença tanto de silos públicos quanto privados em Esparta (*Const. dos laced.* 6 4-5). Estes vasos foram por vezes encontrados fora do vale do Eurotas, nas partes mais altas, em contextos de pequenas comunidades, o que pode indicar seu uso também pelos periecos. As prospecções mostraram que os *Pithói* foram continuamente tendo seu tamanho aumentado do período Arcaico ao Clássico, chegando a um gigantismo no período Helenístico (CATLING, *ibid*: 82). Poderíamos apenas conjecturar que a crescente concentração de terras nas mãos de uns poucos espartanos durante o decorrer destes períodos¹⁰ implicou conseqüente necessidade de estocar mais grãos por propriedade. Porém, isso é apenas uma hipótese, pois sabemos que outras formas de estocagem possivelmente coexistiram com estas em vários períodos da história da região.

A inexistência de alguns vasos de uso votivo na área rural, tais como aryballos e *lákainas*, pode indicar que estes eram fabricados basicamente para aquela finalidade. Suas produções, ao que tudo indica, eram feitas em grandes quantidades, sendo que sua incidência nos santuários escavados próximos a Esparta são bem mais comuns do que em outras áreas de culto.

Outros tipos de crateras e hídrias aparecem em boas quantidades nos sítios rurais prospectados. Ambas tem características específicas da produção lacônia, com pouca influência de fora. Vasos para estocagem de óleo, como os *stámnoi*, eram bastante incomuns. Os vasos de cozinhar aparecem em quantidades muito menores que os vasos de mesa, mas alguns são de grande tamanho, o que pode indicar alimentação para muitas pessoas (hilotas?). Em sítios maiores, vasos de cozinhar aparecem proporcionalmente em maior número, o que pode significar maior número de pessoas nas maiores propriedades.

De todos os tipos de artefatos de cerâmica, os vasos de mesa dos grandes sítios eram mais bem acabados e numerosos que quaisquer outros (79%). Os vasos de mesa eram quase sempre de pintura negra, e os mais comuns eram as taças, os *skypthói*, os jarros e os *kántharos*, embora outros tipos também tenham sido encontrados em grandes quantidades. Isso pa-

rece indicar, para os períodos aqui compreendidos, uma área rural extensamente povoada, resultando numa população hílota e perieca muito grande.

O fato de nenhuma olaria ter sido descoberta parece indicar que a produção de cerâmica estivesse única e exclusivamente nas mãos de poucas comunidades periecas costeiras, tais como Gythion e Epidaurus Limeira, onde antigas escavações detectaram-nas¹¹. Isso prova que algumas comunidades periecas eram bem mais ricas do que outras, se locupletando do sistema imposto pelos espartanos à sua economia¹².

Telhas

Em vários sítios rurais foram encontrados grande número de fragmentos de telhas. Porém, poucas delas eram de telhados ou de bordas de tetos, o que indica que nas casas e nos locais de estocagem aqueles eram feitos de outro tipo de material. Ao que parece, as telhas eram usadas para telhados de cobertura somente em construções civis e religiosas, como as telhas ricamente elaboradas do santuário de Zeus *Messápeios* (CATLING, 1989: 15-35). As telhas lacônias tinham características próprias, com cores que eram, em sua esmagadora maioria, de tonalidades marrom-avermelhadas e/ou negras.

A ocupação do solo

A planície do Eurotas, na margem esquerda do rio de mesmo nome, aparece nas prospecções como local onde houve maior atividade humana no passado. Dos 576 sítios (re)visitados ou descobertos pela *survey*, cerca de 400 se localizavam naquela área. Considerando-se que o vale do Eurotas era certamente a região onde os espartanos possuíam suas terras, cabendo aos periecos terras periféricas, em regiões mais altas e de menor capacidade produtiva, os trabalhos de prospecção acabaram por iluminar uma série de questões referentes às propriedades rurais dos espartanos e somente em menor grau a dos periecos.

Uma das primeiras constatações possíveis de serem feitas a partir do trabalho efetuado pelos arqueólogos na área rural da Lacônia refere-se à periodização da ocupação do solo. Grande parte dos sítios visitados apresentam uma impressionante descontinuidade de ocupação entre o final do Heládico tardio (c. 1050) e o final do século VII. A ausência quase total de cerâmica de qualquer tipo entre o chamado “período das trevas” e

o final do Arcaico é uma das maiores surpresas das prospecções, visto que mesmo áreas férteis como a planície do Eurotas podem ter permanecido por séculos sem ter sido aproveitada. Com relação ao período Helênico, Catling conclui mesmo que, na *survey*, não se encontrou um único fragmento de cerâmica datada em período anterior ao século VI (CATLING, *ibid*: 87). Os trabalhos realizados por Conrad Stibbe com a cerâmica lacônia, principalmente vasos de beber e vasos de formas abertas em geral, parecem confirmar a concentração daqueles na região da própria Esparta, assim como fora do Peloponeso, com pouca incidência de achados na área rural para períodos anteriores ao século sexto (STIBBE, 1989; 1993: 19-21).

A partir do século VI, e com mais intensidade em meados dele, parece ter havido uma vigorosa política de ocupação do território rural lacedemônio, principalmente do vale do Eurotas. Mesmo nas regiões mais altas, como as colinas do nordeste de Selásia e leste de Aphisiou, próximo a Esparta, não se constatou uma ocupação regular e consistente. Uma ocupação de locais mais inóspidos, onde provavelmente estariam as comunidades periecas, não parece ter sido sistematicamente organizada antes daquele período. Essa constatação traz problemas no que se refere a periodização da dominação espartana sobre comunidades periecas menores, que até então se aceitava ser bem remota, assim como no que se refere à alocação do trabalho compulsório dos hilotas em toda a região, que a tradição grega apontava como bem anterior. São questões que agora ficam em aberto.

Outra constatação impressionante é que alguns desses sítios, que tiveram ocupação somente no final do período Arcaico, foram abandonados logo no início do período Clássico, sendo que em alguns deles não mais se verificou ocupação humana significativa. É possível que esse fato tenha alguma relação com o violento terremoto ocorrido em 464 que, segundo uma fonte tardia como Diodoro da Sicília (XI 63), autor do século I, matou 20 mil pessoas.

Regiões à nordeste de Selásia parecem ter ficado em mãos espartanas somente em meados do sexto século, pois a cerâmica dessa região apresenta forte influência argiva até cerca de 550. Quase toda região montanhosa à norte-nordeste apresentava espaços fortificados, com torres e pequenas regiões amuralhadas, que parecem ter sido erguidas conforme os espartanos iam se expandindo ao norte. Várias comunidades sabidamente periecas, como Héрмаi e Selásia, entre outras, apresentavam sinais de muralhas a partir de meados do século VI, se constituindo em seguidas barreiras para possíveis invasores vindos do norte e do nordeste. Isso ex-

plica a ausência de muralhas em Esparta no período clássico, já que à proteção natural das grandes montanhas do Párnon e do Táygetos se aliam sucessivas barreiras periecas das regiões fronteiriças.

Produção do solo

No que tange à produção do solo, os lacedemônios parecem ter mesclado a produção de cereais com o cultivo de oliveiras (em maior grau), amoreiras e pereiras. A presença de videiras e figueiras quase não foi percebida. A antiga idéia de se relacionar automaticamente regiões baixas com cereais e regiões altas com oliveiras não parece ser suficiente para explicar a complexidade do uso do solo na Lacônia, já que estavam presentes, em um mesmo local, diferentes tipos de cultivo. Os terraços estavam presentes em grande parte das colinas e sua função parece ter estado ligada à produtividade do solo¹⁶.

Em nossa perspectiva, a idéia de uma igualdade de lotes, mencionada por autores como Plutarco (Licurgo 16), ou mesmo a hipótese de uma reforma agrária consistente patrocinada em alguma época remota, como afirmada por Platão (Leis 624 d-e), parecem estar definitivamente descartadas a partir dos resultados das prospecções. Se alguma reforma existiu, ela se situaria em torno de meados do século VI, quando vários sítios em distintas regiões parecem ter sido ocupados ao mesmo tempo. Poderiam essas ocupações e suas conseqüentes implicações terem sido o resultado das mudanças na constituição espartana mencionada por Heródotos (I 65) nos reinados de Leon e Agasícles (c.575) ? Ou estariam associadas com o famoso Chilon, considerado um dos homens mais sábios da Grécia, e que exerceu o cargo éforo epônimo em 556 ? Seja qual for o período exato destas prováveis reformas, o fato é que elas não tiveram como pressuposto uma igualdade de lotes de terras, pelo menos no que se refere ao vale do Eurotas. Diversos sítios rurais grandes e ricos se localizavam ao lado de outros menores e mais pobres, como podem ser constatados nos sítios das regiões de *Chrysápha* e de *Kládas*.

Assim, chega-se a conclusão que o período entre o final do Arcaico e o início do Clássico (talvez de c.550 a 464) é o auge da presença da atividade humana na Lacônia, considerando-se talvez mesmo os dias de hoje. A retração do território lacedemônio após a independência da Messênia, em 371, não implicou um aumento da população geral da Lacônia, o que é constatado pelo número total de sítios rurais conhecidos. Com relação à área "urbana" de Esparta, pode-se defender a mesma hipó-

tese, já que sua população de cidadãos só fez decrescer com a passagem do período Arcaico e Clássico para o Helenístico e Romano.

Moedas e metais

A economia da Lacedemônia, neste período, parece ter se sustentado sem a presença maciça de moedas estrangeiras. A primeira moeda espartana só foi cunhada no início do século III, pelo rei Areus II, e continha nela a sua própria imagem. Antes disso, o mais provável é que só eventualmente houvesse a presença de moedas no território lacedemônio. Apenas 7 moedas foram encontradas pela *survey* na área rural, das quais nenhuma é anterior a 360. Levando-se em conta que a ausência das mesmas já tinha se verificado em diversas escavações, parece haver um fundo de verdade nas afirmações dos antigos sobre a restrição ao uso de moedas na região, muito embora a suposta moeda de ferro mencionada por Políbios (VI 48) e Plutarco (Licurgo 9) não tivesse sido encontrada. Para uma oligarquia dominante que vivia da terra, a moeda parece não ter tido função tão primordial, muito embora se esperasse um uso mais difundido por parte dos periecos. Como os espartanos não tinham minas de ouro e prata, mesmo esses metais não-cunhados não deveriam ter seu uso difundido. Heródotos (I 69) menciona um episódio no qual os espartanos foram comprar ouro na Lídia e acabaram ganhando o mesmo de presente de Creso. O ouro era aquisição do Estado destinado para a construção de uma estátua de Apolo em Tôrnax, monte a nordeste de Esparta. Esta estátua não foi encontrada pelos arqueólogos, e o número de objetos de ouro e prata descobertos nas antigas escavações é insignificante. A *survey*, por sua vez, também não encontrou nenhum desses metais referentes aos períodos Arcaico e Clássico.

Instrumentos de tecelagem

A tecelagem parece que estava realmente restrita a hilotas e periecos. No vale do Eurotas, foram encontrados pela *survey* vários fragmentos dos instrumentos de tecelagem, o que atesta essa prática na região rural, ali provavelmente ligadas à produção de roupas para os hilotas. Todos esses fragmentos pertencem ao final do Arcaico e todo o Clássico, e são extremamente rudimentares, o que talvez ateste a informação de Myron de Priene de que os mantos usados pelos hilotas eram grosseiros (WHITBY,

1994: 107). Instrumentos para a confecção de roupas para os espartanos, que em geral estavam em mãos periecas, não foram encontrados pela *survey*.

Prospecção geofísica e fosfato

Os trabalhos de prospecção, utilizando-se de métodos de prospecção geofísicos e fosfato, localizaram, para o período aqui compreendido, pelo menos duas grandes estruturas enterradas, próximas à margem esquerda do rio Eurotas, nordeste de Esparta. Uma das estruturas parece estar em excelente estado de conservação, é retangular e mede cerca de 13m X 7m, podendo quase com certeza ser caracterizada como um templo religioso. A outra, possivelmente também um templo, está relativamente próxima, embora seu estado seja mais fragmentário. Somente futuras escavações poderão afirmar com certeza qual a função da estrutura, mas o tamanho e a localização de ambas atestam a sua provável importância para a região.

Epigrafia

No que se refere às inscrições, os achados da *survey* acabaram por comprovar uma vez mais o caráter extremamente restrito da escrita na Lacedemônia no período aqui abordado, já que das 79 inscrições descobertas, existem somente três do final do VI século e três do V e IV.

Destas inscrições, a mais importante e bem conservada é uma inscrição em pedra de uma sepultura pertencente a uma cemitério perieco, encontrada *in situ*, no pé do monte Palaiogoulás, nordeste de Selásia. Nela, estava gravado o nome de um tal HYBRION, que embora seja um nome único, é recorrente a outros com o mesmo radical, conhecidos de outras regiões e contextos (CATLING, *ibid*: 214). Este nome se junta a outros doze nomes de periecos já conhecidos, atestando uma certa familiaridade em relação a nomes espartanos (CARTLEDGE, 1993: 23).

Uma outra inscrição em pedra fazia parte de uma estrela votiva encontrada no alto do monte Phagiá, a sudoeste de Chrysápha. Seu material era feito de um tipo de calcário comum à região, de cor azul-esverdeada e continha a inscrição ANEQEKEM, ou possivelmente ANEQESAN. A inscrição votiva comprova a existência de um templo ou santuário no alto no monte, mas sua identificação é ignorada (CATLING, *ibid*: 214).

As demais inscrições são ainda mais fragmentárias, tais como duas em vasos de cerâmica. Uma foi encontrada no santuário de Zeus Messapeus, e era possivelmente um fragmento de taça. A outra, próximo à *Kephálas* (nordeste de Esparta), na qual se lê RE, é seguramente datada do final do Arcaico (CATLING, *ibid.*: 225).

Das outras inscrições em pedra, numa primeira sobrou apenas uma letra (A), e em outra duas (DI). Numa terceira não foi possível identificar nem mesmo a única letra inscrita. As duas primeiras foram encontradas na região norte de Kládas (provavelmente não *in situ*). A terceira, no leito esquerdo do Eurotas, à sudeste de Esparta (CATLING, *ibid.*: 215). O uso da escrita em Esparta, inversamente a seu poderio, parece aumentar gradativamente com o passar do tempo, sendo que o auge de sua utilização na Antigüidade se situa no período Romano.

Conclusão

Os dados revelados pela *survey* são de admirável relevância histórica para o estudo de Esparta na medida em que nos faz rever uma série de informações textuais passadas pelos antigos gregos à luz da cultura material.

A *survey* confirmou a desconfiança dos historiadores quanto a uma suposta igualdade e austeridade espartana mencionada por alguns autores antigos, já que os resultados das prospecções demonstram que a desigualdade de riquezas sempre tinha sido a tônica da sociedade espartana. A desigualdade de propriedades era em geral acompanhada pela desigualdade no número de servos em cada uma dessas propriedades, e de uma diferença acentuada de riquezas vistas sob a ótica dos finos vasos de mesa encontrados em alguns grandes sítios rurais.

De certa forma, a própria austeridade e imponência militar dos espartanos ficam melhor entendida se considerarmos as várias fortalezas que existiam ao norte da Lacônia, que tornavam a invasão de seu território uma tarefa extremamente arriscada. Aquelas faziam Esparta depender de muralhas próprias.

Sob ponto de vista econômico, a ausência de moedas ou mesmo de quantidades significativas de ouro e prata não cunhado não impedia a acentuada riqueza de alguns espartanos no que tange ao uso do excedente de suas propriedades como moeda de troca. Também parece não ter significado um prejuízo ao comércio, visto que no século VI sua cerâmica decorada era comercializada por vastas regiões do Mediterrâneo, principalmente na Grécia ocidental.

A suposta antigüidade da constituição espartana também se torna bastante questionável, se vista sob a ótica dos resultados da *survey*. Nada parece indicar qualquer mudança significativa na vida Lacônia até meados do sexto século, quando alguma reforma política, econômica, social e cultural parece ter sido engendrada.

Notas

¹ Todas as datas contidas nesse artigo são antes de Cristo (a.C.), salvo aquelas por mim especificadas.

² Xenophon. *Const. of Laced.* XIV 5 é o primeiro a mencionar este isolamento. Posteriormente, Políbios VI 49. Em geral, esse suposto isolamento era atribuído às reformas de Licurgo, realizadas, segundo os autores gregos, em período remoto.

³ Uma prova disto são os resultados das escavações britânicas realizadas na Acrópolis, no Menelaion, no santuário de Athena Calkioikos e no santuário de Arthemis Orthia nas primeiras três décadas deste século, e, recentemente, no santuário de Zeus Messapeus. Ver DALKINS, R. *The sanctuary of Arthemis Orthia*. London: ABSA, Supplementary Paper, 1929. WOODWARD, A.M. 'Acrópolis. The site' and 'Acrópolis. The finds' in *Excavations at Sparta, 1924-25* London: ABSA XXVI pp.37-95. CATLING, H. 'Zeus Messapeus near Sparta: an interim report' in *LAKONIKAI SPOUDAI* vol. 10 1990 pp. 276-295. CATLING, H. W. 'Excavations at the Menelaion, Sparta, 1973-1976' in *Archaeological Reports* 23 (1976-7) pp 24-42.

⁴ Na tradição grega, esta concentração de terras nas mão de poucos apareceu primeiramente como o principal problema da sociedade espartana só em Aristóteles (Política)

⁵ Para Gythium, ver FORSTER, E.S. 'South-Western Laconia' in *ABSA* 10 (1903): pp. 158-89 e *ABSA* 13 (1906) 219-37. Para Ep.Limeira ver HASLUCK, F.W. 'The promontory of Malea and Epidaurus Limerá' in *ABSA* 14: pp.161-182.

⁶ Poucos historiadores tem insistido tanto no estudo das comunidades periecas como Paul Cartledge. Ele aponta que algumas comunidades periecas mais ricas se uniam aos espartanos na manutenção do regime econômico-social. Ver CARTLEDGE, Paul. *Agésilaos and the crisis of Sparta*. London: Routledge, 1987 pp.187 e seguintes.

⁷ RACKHAM, Oliver e MOODY, Jennifer A. 'Terraces' in WELLS, Berit. *Agriculture in Ancient Greece*. Stockholm: Acta Institui Atheniensis Regni, Series in 4º, XLII, 1992 pp.123-130 defendem a hipótese que os terraços serviam para controlar a erosão do solo e também aumentar sua penetração e absorção em época de chuva pesada, embora tivesse como desvantagem dispersá-lo.

Documentação textual

- DIODORUS OF SICULUS. *Library of History*. Cambridge: Harvard University Press, Vol. IV, 1989.
- HERODOTO. *History*. Cambridge: Harvard University Press. Vol. I, 1990.
- PAUSANIAS. *Guide to Greece. Vol. 2 The Southern Greece*. Introd., tradução e notas de Peter Levi. London: Penguin Books, 1979.
- PLATO. *Laws*. Cambridge: Harvard University Press, 2 vols., 1994.
- PLUTARCH. *Lives*. Cambridge: Harvard University Press, vol. 1, 1993.
- POLÍBIOS. *História*. Brasília: Ed. UnB, Introd., trad., e notas de Mário da Gama Kury, 1987.
- XENOPHON. *Scripta Minora*. London: Cambridge: Harvard University Press trad. E. C. Marchant 7 ed., 1993.

Bibliografia

- BOARDMAN, John. *Los Griegos en ultramar. Comercio y expansion marítima antes de la era clásica*. Madri: Alianza editora, 1986.
- CARTLEDGE, Paul. *Agésilaios and the crisis of Sparta*. London: Routledge, 1987.
- CARTLEDGE, Paul and SPAWFORTH, Anton. *Hellenistic and Roman Sparta. A tale of two cities*. London: Routledge, 1992.
- CATLING, H. "Excavations at Menelaion Sparta 1973-1976" In: *Archaeological Reports* vol. 23 (1976-7), pp. 24-42.
- _____. "A sanctuary of Zeus Messapeus: excavations at Aphyssou Tsakona, 1989" In: *ABSA* Vol. 85, pp. 15-35.
- _____. "Zeus Messapeus near Sparta: an interim report" In: *Lakonikai Spoudai* vol. 10, 1990, pp. 276-295.
- CATLING, R. W. V. et alli. *Continuity and change in a Greek landscape. The Laconian Survey. Vol. II*. London: British School at Athens, 1996.

- DALKINS, R. *The Sanctuary of Artemis Orthia*. London: ABSA, supplementary paper, 1929.
- FOSTER, E. S. "South-western Laconia" In: ABSA vol. 10 (1903) pp. 158-89.
- _____. "South-western Laconia" In: ABSA vol. 13 (1906) pp. 219-37.
- HASLUCK, F. W. "The promontory of Malea and Epidaurus Limera" In: ABSA vol. 14 (1907) pp. 161-182.
- RACKHAM, Oliver and MOODY, Jenifer A. "Terraces" In: WELLS, Berit. *Agriculture in Ancient Greece*. Stockholm: Acta Instituti Atheniensis Regni XLII, 1992, pp. 123-130.
- STIBBE, Conrad. *Laconian Mixing Bows. A history of the krates Lakonikos from the seventh to fifth century B. C. Laconian black-glazed pottery, part I*. Amsterdam: Allard Pierson Museum, 1989.
- _____. *Laconian drinking vessels and other open shapes. Laconian black-glazed pottery, part II*. Amsterdam: Allard Pierson Museum, 1993.
- WOODWARD, A. M. "Acropolis. The site" In: *Excavations at Sparta, 1924-5*. London: ABSA 26, pp. 37-55.
- _____. "Acropolis. The finds" In: *Excavations at Sparta, 1924-5*. London: ABSA 26, pp. 56-95.
- WHITBY, Michael. "Two Shadows: images of Spartans and Hilots" In: POWELL, Anton and HODKINSON, Stephen. (ed.) *Two Shadows os Sparta*. London: Routledge, 1994, pp. 87-126.